

PEGASUS: O FEITIÇO CONTRA O FEITICEIRO

O caso Pegasus transformou-se num escândalo internacional que ainda vai dar muito que falar, face à profusa quantidade de desenvolvimentos a diversos níveis relativamente a um conjunto considerável de países.

Ficou claro que Israel, centrado nos seus interesses geoestratégicos, exporta para países escrutinados serviços sofisticados da sua tecnologia de espionagem (*spyware*), já muito testada no seu território, na faixa de Gaza e na Cisjordânia.

Marrocos tornou-se num cliente privilegiado do Pegasus, um país que ambiciona há muito controlar, dentro e fora das suas fronteiras, cidadãos e cidadãos marroquinos, saharuis e todos aqueles que de alguma forma possam pôr em causa a estratégia do regime para se perpetuar no poder e conservar a ocupação do território saharai.

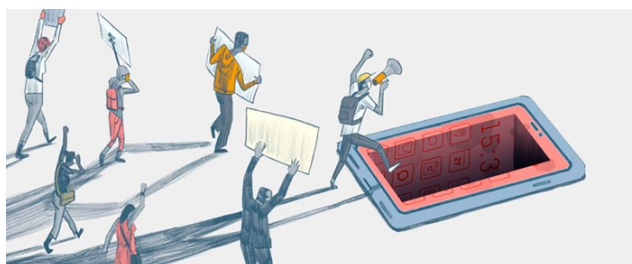


Fig. 1: Vigiar a quem? (fonte: Amnesty/Howie Shia)

A investigação realizada

De acordo com uma investigação realizada por **FORBIDDEN STORIES** – um consórcio internacional de 17 órgãos de comunicação social¹ – e a Amnistia Internacional (AI), a empresa israelita NSO *Group* desenvolveu o programa Pegasus que vendeu a serviços de segurança de diversos países para alegadamente “rastrear terroristas e criminosos”, tendo-se confirmado, porém, que o mesmo foi utilizado para espiar telemóveis pertencentes a jornalistas, activistas de direitos humanos, advogados, parlamentares, entre outras pessoas.

A investigação permitiu chegar a uma lista de mais de 50.000 números de telefone. O *modus operandi* do Pegasus é bastante sofisticado pois a sua instalação e activação não necessita de qualquer acção por parte do utilizador/a do telemóvel visado. A partir daí o programa captura/copia a informação residente no telemóvel: imagens da câmara e sons do microfone (esta aplicação tem até a capacidade de activar as câmaras e os microfones em tempo real), contactos, mensagens, dados de localização e hora associada, etc., sendo a informação automaticamente enviada a um operador do *spyware*.

Não se conhece a quem se encontram atribuídos todos os números da lista. No entanto, os investigadores conseguiram identificar mais de 1.000 pessoas de cerca de 50 países², através de pesquisas e entrevistas efectuadas em quatro continentes. Os visados são «membros de famílias reais árabes,

¹ O LE MONDE refere o seguinte conjunto de media como parte do consórcio: ARISTEGUI NOTICIAS, DARAJ, DIE ZEIT, DIREKT 36, KNACK, FORBIDDEN STORIES, HAARETZ, OCCRP, PROCESO, PBS FRONTLINE, RADIO FRANCE, LE SOIR, SÜDDEUTSCHE ZEITUNG, THE GUARDIAN, THE WASHINGTON POST, e THE WIRE, além do próprio.

² Entre os quais Azerbeijão, Arábia Saudita, Bahrain, Emiratos Árabes Unidos, Hungria, Índia, Cazaquistão, México, Ruanda, para além de Marrocos.

pelo menos 65 executivos, 85 activistas de direitos humanos, 189 jornalistas³ e mais de 600 políticos e funcionários de governos - incluindo ministros, diplomatas e funcionários militares e de segurança.»

O LE MONDE **classifica** a listagem como «um conjunto impressionante, no qual se encontra um chefe de Estado europeu [Emmanuel Macron] e dois chefes de governo; altos dignitários de uma antiga República Soviética; dezenas de deputados da oposição de um país africano; príncipes e princesas, dirigentes empresariais, alguns milionários, embaixadores, generais. E acima de tudo, centenas de jornalistas, advogados, activistas de direitos humanos».

É evidente a contradição entre o licenciamento que a NSO afirma a que se destina o *software* e o que na realidade se apurou. Até à actualidade, o uso do Pegasus por Estados-cliente aparentava ser um segredo bem guardado, já que desde a sua criação em 2011, a empresa israelita vendia-o associado à retórica do seu uso “legítimo”. As informações publicadas pela investigação comprovam que os abusos são a norma. Violações dos direitos humanos são frequentemente cometidas por Estados para os quais a venda do Pegasus foi obrigatoriamente validada pelo Ministério da Defesa de Israel.

A Amnistia Internacional (AI) já tinha criticado abertamente o negócio da NSO e tentou em Israel uma acção judicial (mal sucedida) contra a empresa, procurando revogar a sua licença de exportação. Nem a NSO nem o governo israelita podem ignorar que parte significativa dos clientes do Pegasus o utiliza especificamente para espiar opositores políticos e até para espionagem industrial de parceiros de negócios e de governos vizinhos.

O uso generalizado deste *spyware* configura uma ameaça às democracias em todo o mundo, já que jornalistas, políticos e defensores de direitos humanos, ficando sob vigilância, não podem actuar com confidencialidade e em segurança, sem colocarem em perigo as suas fontes de informação, para além deles próprios. Por exemplo, a perícia forense da AI encontrou evidências de que o Pegasus foi utilizado para espiar duas mulheres próximas do colunista saudita Jamal Khashoggi que escrevia para o THE WASHINGTON POST. O telefone da sua noiva, Hatice Cengiz, foi “infectado” com sucesso após o assassinato de Khashoggi na Turquia em 2 de Outubro de 2018. Também constavam da lista os números de dois funcionários turcos envolvidos na investigação do desmembramento do cadáver por uma equipa saudita. Hanan Elatr, esposa de Khashoggi, também tinha o telefone sob escuta.

O Pegasus em Marrocos

A investigação detectou múltiplos elementos que mostram que Marrocos é cliente da NSO e recorre ao Pegasus. O *Citizen Lab* da Universidade de Toronto, um dos principais centros mundiais de pesquisa sobre *spyware*, havia já identificado Marrocos, em 2018, como um cliente muito provável da NSO e confirmou agora que a “cobertura” do espaço francês, por parte de Marrocos, data desse ano.

Desde que a AI revelou em 2020 que o telefone do jornalista marroquino Omar Radi estava “infectado” com o Pegasus, diversos jornalistas marroquinos independentes suspeitaram que também poderiam ser alvo do programa, como Taoufik Bouachrine, director do jornal AKHBAR AL-YAOUM, que actualmente cumpre pena de quinze anos de prisão por violação, após um julgamento denunciado como inteiramente político.

Também o jornalista marroquino, membro do conselho editorial do ORIENT XXI, Hicham Mansouri, que trabalha na *Maison des Journalistes* em Paris, está entre centenas de jornalistas espiados. A análise do seu telefone revelou que havia sido “infectado” repetidamente entre Fevereiro e Abril de 2021. Hicham Mansouri deixou o seu país em 2016 depois de passar quase um ano na prisão, sob falsas

³ Dos seguintes órgãos de comunicação social: CNN, ASSOCIATED PRESS, VOICE OF AMERICA, THE NEW YORK TIMES, THE WALL STREET JOURNAL, BLOOMBERG NEWS, LE MONDE, THE FINANCIAL TIMES e AL JAZEERA.

acusações de adultério. Foi condenado à revelia a um ano de prisão.

A estreita cooperação entre Israel e o regime marroquino, em termos de espionagem, promete fortalecer-se. No decorrer deste mês de Julho, a Direcção Nacional de Segurança Cibernética de Israel anunciou a assinatura de um acordo de cooperação com Marrocos, tornando-se o primeiro acordo de defesa electrónica entre os dois países desde o estabelecimento de relações diplomáticas no ano passado. Este inclui «cooperação prática, pesquisa e desenvolvimento e intercâmbio de informação e conhecimento». O acordo foi assinado em Rabat na presença do Director Geral de Internet de Israel, Yigal Una, e o seu homólogo marroquino, General Mustafa Al-Rabie, Director da Segurança Cibernética da Administração de Defesa Nacional, na presença do Ministro Delegado da Presidência do Governo responsável pelo Departamento de Defesa de Marrocos, Abdellatif El Ouedi.

Marrocos versus França, com o Sahara de permeio

A discrição e facilidade de uso tornaram o Pegasus também numa ferramenta de espionagem entre Estados. O LE MONDE afirma que «a França pagou um preço elevado; foram visados vários milhares de números de telefone com "+33" [o indicativo telefónico de França], a maioria em nome de um país aliado da França, Marrocos. (...) O *spyware* permitiu que Marrocos, por baixo preço, visasse, com apenas alguns cliques, secções inteiras do aparelho governamental francês. Os mais cínicos verão nele o curso normal das relações entre os países. Mas as investigações do LE MONDE e seus parceiros mostram que esse vasto sistema de vigilância vai muito além do jogo normal de espionagem.» Embora vários Estados estejam envolvidos nesta denúncia, a comunicação social francesa está a destacar o comportamento das autoridades marroquinas.

O caso Pegasus não é, contudo, (ainda) uma situação de vigilância em massa, como as revelações de Edward Snowden sobre as operações da NSA nos Estados Unidos em 2013. As vítimas do Pegasus foram alvos individuais de governos. No entanto, estes dois escândalos têm uma coisa em comum: mostram como os espões que usam as ferramentas mais sofisticadas controlam minuciosamente a vida dos seus alvos sem serem responsabilizados.

Mais concretamente, no município de Ile-de-France, onde vive Claude Mangin, esposa do activista saharuí preso, Naâma Asfari, **concluiu-se** que esta foi objecto de «especial interesse» para as autoridades marroquinas. De acordo com a investigação, Rabat espia-a regularmente desde Outubro de 2020. Relembre-se que Naâma Asfari foi detido em Novembro de 2010, em El Aiun, no Sahara Ocidental, na véspera do desmantelamento do campo de Gdeim Izik, e foi condenado em 2013 a trinta anos de prisão por um tribunal militar marroquino, sentença confirmada em 2017 por um tribunal civil.

Os serviços de espionagem marroquinos seleccionaram, aliás, muitos membros da Frente POLISARIO entre 2017 e 2019. A começar por Brahim Ghali, o Presidente da RASD, que está no centro de uma crise diplomática entre Rabat e Madrid, depois dos serviços de informação marroquinos descobrirem a sua presença num hospital em Espanha, em Abril de 2021.

Esta pulsão de espionagem também levou Marrocos a interessar-se pelo presidente da Câmara de Ivry-sur-Seine (arredores de Paris), Philippe Bouyssou. Na ordem de trabalhos da reunião camarária de 30 de Junho constava a aprovação de um subsídio de 5 mil euros a favor de acções educativas para crianças saharuis. Um membro do executivo municipal opôs-se à ajuda. Em frente à sala onde decorria a reunião manifestaram-se várias pessoas afectas ao regime marroquino, tendo algumas entrado à força na sala. O presidente da Câmara deu ordem de evacuação e retomou a sessão à porta fechada. Menos de uma hora depois, o discurso do opositor da ajuda já estava na posse da imprensa marroquina. Em 6 de Julho corrente, uma semana após o incidente, a AI detectou uma tentativa de espionagem do

telefone de Bouyssou.

Podem as **revelações** do FORBIDDEN STORIES sobre a espionagem via Pegasus de personalidades francesas, em particular do Presidente da República Emmanuel Macron, colocar em cheque as relações entre Paris e Rabat?

Assunto delicado. Do lado do Eliseu explica-se que se deve primeiro investigar para ver se Marrocos está envolvido no ataque aos telemóveis de vários políticos franceses. A 19 de Julho último, o porta-voz do governo francês Gabriel Attal, reagiu duramente às denúncias de espionagem, descrevendo os factos como «extremamente chocantes que, se provados, são extremamente graves». Marrocos nega obviamente qualquer envolvimento neste caso. Na realidade, Paris tem pouco interesse em provocar uma disputa diplomática com um país “amigo” como Marrocos, com o qual as relações bilaterais são muito fortes, nomeadamente no intercâmbio entre os serviços de espionagem.

Entretanto, enquanto avança o inquérito aberto pelo governo francês, alguns cidadãos espiados apresentaram formalmente queixa às autoridades.